

março/2022

# Revista *Verlidelas*

edição nº 21

**entrevista:**

LAIR  
COHIM

TEXTOS EM  
prosa &  
verso



VERLIDELAS

março/2022

# Sumário

ENTREVISTA ... 03

**Lair Cohim**

CONTO ... 14

**O Averso da Vida**

**Laura Figueiredo**

POESIA ... 21

**Fernando de Oliveira**

EXPEDIENTE:

Editor-chefe:

•Sergio Carmach

Editora assistente:

•Luzia Barbosa

Fotos:

•Capa:

•Rafael Manciola

•Entrevista:

•Antônio Lessa (@antoniiolessafoto)  
(imagens do lançamento do livro  
"Autoconhecimento" - autora de vestido azul)  
•Rafael Manciola  
(demais imagens)

Revisão, diagramação e arte:

•Sergio Carmach

contato@verlidelas.com

[www.verlidelas.com](http://www.verlidelas.com)

[www.facebook.com/verlidelas/](https://www.facebook.com/verlidelas/)

Verlidelas Editora

CNPJ 27.850.067/0001-71

Rio de Janeiro/RJ

## EDITORIAL



A Verlidelas sempre repete que um de seus objetivos é promover a pluralidade de ideias.

E uma das formas de se

dar voz a todos é abrir espaço para gêneros literários diversos. Seguindo nessa trilha, acabamos de lançar nosso primeiro título de autoajuda. Conheça mais sobre esse livro e sua autora na entrevista deste mês.

Aproveitamos para lembrar que segue aberta até 10 de abril a "Chamada de originais 2022". Se você escreveu um livro – não importando o viés ou o gênero do texto – e deseja publicá-lo, dê uma olhadinha no banner abaixo deste edital e siga as orientações. Sua obra pode ser uma das selecionadas.

Voltando a falar deste número da revista, além do bate-papo com a autora que ilustra a capa, trazemos um conto e uma poesia para entreter o leitor. Como sempre, conteúdo para proporcionar ótimos momentos de lazer.

Boa leitura!

**Luzia Barbosa**

**CHAMADA**  
para submissão  
**DE ORIGINAIS**  
**2022**  
Até 10 de abril

VERLIDELAS

- POESIA
- CONTOS
- ROMANCE
- INFANTOJUVENIL
- NÃO FICÇÃO

É hora de transformar seu original em um livro de qualidade sem desembolsar nada para isso!

As obras serão avaliadas pelo escritor, músico e produtor cultural Fabio Shiva. Todos os autores receberão um retorno com a avaliação do texto, quer sejam ou não classificados para publicação.

Envie seu texto para [fabioshiva@verlidelas.com](mailto:fabioshiva@verlidelas.com)

Ela chegou ao planeta em 1973, na cidade de Salvador, e foi criada em meio aos livros. Escrever sempre foi sua melhor brincadeira e forma de expressão. Quando menina, seu diário secreto era composto de poemas. Embora tenha se formado em Direito, tornando-se especialista em Defesa do Consumidor, realizou-se como colaboradora de jornais e periódicos em geral. Mas foi a incessante busca por autoconhecimento e crescimento pessoal que a fez ingressar no mundo maravilhoso das artes, bisbilhotar as religiões e, mais tarde, pesquisar as explicações científicas... O desejo de compartilhar materializou seus primeiros livros. Nesse caminhar, descobriu-se terapeuta holística e *life coach*

entrevista

POR SERGIO CARMACH

# LAIR COHIM

FOTO: ANTÔNIO LESSA

**Você gosta de escrever desde criança. Como foi seu caminho até se tornar uma escritora com livros publicados?**

Sempre adorei ler. Aprendi com as revistinhas em quadrinhos que ganhei de um primo. E escrever era algo muito natural, feito sem preocupação, desde que ninguém visse, porque eu não acreditava que fosse boa de fato. Era a minha forma de conversar, de falar de mim, de meus sentimentos, medos, dúvidas, inseguranças... E a coisa sempre vinha em forma de poesia ou histórias... O meu diário secreto era composto de poemas.

Quando adolescente, escrevi o que chamei de “Contos Súbitos”, historinhas surgidas de repente em minha mente que eu digitava na máquina de escrever. Mas não mostrava a ninguém. Soube de um concurso de contos e me inscrevi. Nada aconteceu. Continuei quieta.

Meu pai é escritor, poeta, se refugiava em seu gabinete em meio aos livros. Sempre discreto e de poucas palavras, e acredito que muito atento à filha (risos), nessa mesma época pediu que eu revisasse seu mais novo livro. Fiquei receosa, não me julguei capaz, mas fiz. Em seguida, ele me pediu que fizesse a orelha. E a coisa fluiu “no correr da pena”, como ele sempre gostou de dizer. Pronto. A partir daí, da aprovação do meu pai (risos), a empolgação por escrever ganhou mais firmeza, e eu comecei a curtir “ser lida” nas orelhas do livro dele e de outros escritores que passaram a solicitar a minha contribuição.

Quando fui prestar o vestibular, estava certa de que faria Jornalismo, mas a orientação familiar em relação à segurança e à estabilidade me levaram ao Direito, que até hoje cumpre esses papéis. Ainda assim, eu me divertia elaborando as peças processuais.



**Sorrindo  
para a  
VIDA**

“ a escrita que sempre me empolgou mesmo é a da alma, os “desabafos” espontâneos acerca de experiências e entendimentos pessoais; isso ajuda a também acender a chama do outro...”



FOTO: RAFAEL MANCIOLA

ais, e passei algum tempo prestando assessoria jurídica a escritórios por conta disso, até ser aprovada em concurso público e me encantar com o Direito do Consumidor. Mas a jornalista em mim curti contribuir em colunas no jornal A Tarde e com o jornal Bahia Hoje, entre outros periódicos da época. Surgiram oportunidades de escrever artigos jurídicos em revistas e *blogs* da área. Mas a escrita que sempre me empolgou mesmo é a da alma, os “desabafos” espontâneos acerca de experiências e entendimentos pessoais; isso ajuda a também acender a chama do outro...

Assim, senti, digitei o que senti e percebi que aquilo podia virar um livro, um livro de bolso, para alcançar até mesmo quem não gosta de ler; a pessoa poderia abrir em qualquer página e ler umas poucas linhas bastante significativas, capazes de inspirar o seu dia. E surgiu o primeiro livro: “O Caminho É Você”. O primeiro compartilhar em que pude verbalizar a palavrinha mágica *escritora*. Mais um ciclo se fechava em minha vida.

Um ano após, lá estava eu com uma história infantil viva em mim. Personagens reais, ricos em detalhes, gostos, sentimentos; seria uma coleção, uma coleção brincando de arte e vida, uma marca da nova Lair que estava nascendo. E publiquei “Lua, a Garota Sol”. A ideia que me veio foi: “Para cada livro, um espetáculo.” Mas como? Como poderia fazer uma peça se eu mesma nunca havia me apresentado num palco, nem na época da escola? Corri atrás de uma oportunidade e consegui participar de uma oficina gratuita do SESI, onde nós redigimos em conjunto o texto e apresentamos a peça. Atriz pela primeira vez.

A sensação de realização, de que tinha passado a vida atuando, me fez sair dali puxando a diretora (risos) em busca de um elenco para levar aos palcos o mundo de Luana, a protagonista do livro infantil. E foi sensacional! Depois aconteceram vários eventos – X Bienal do Livro; Férias na Cultura; Lua, Garota Sol na Escola; Conversas com o Escritor; Associação Casa do Escritor. E meus dois livrinhos passeia-

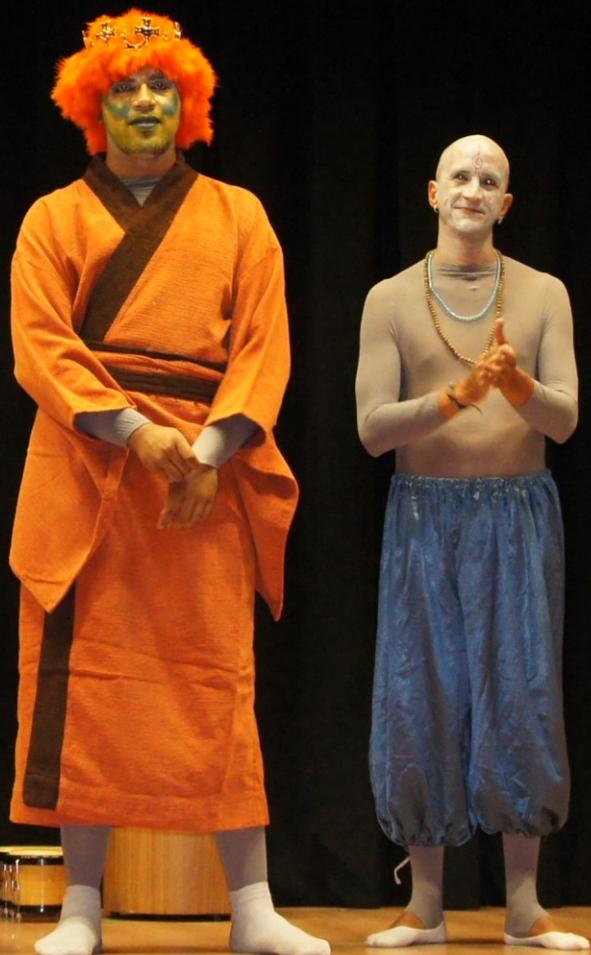
vam comigo, levando carinho e encantamento aonde quer que fôssemos.

O teatro me chamou e a escritora foi junto. Eu queria mergulhar mais naquilo que parecia fazer parte da minha natureza. Frequentei o Curso Livre de Teatro do SESC, onde me formei. Lá eu fazia o diário das aulas, continuava a escrever artigos, e, no meu universo particular, dei seguimento à escrita da saga de Luana. O segundo livro da série – “Terra, o Planeta Sapeca”, já devidamente ilustrado – apenas aguarda uma oportunidade de publicação.

Paralelamente a tudo isso, a poesia está sempre presente, não mais escrita num diário secreto, mas em um *blog* pessoal e nas redes sociais (só entrei quando foi necessário, para participar do grupo do teatro), onde escrevo e gravo vídeos, sempre de forma livre, seguindo meu coração.

Na sequência, outra etapa de vida se iniciava, o trabalho de desenvolvimento pessoal. No decorrer de minha jornada de autoconhecimento, me encan-

tei com a terapia holística e fui movida a levar isso às pessoas. A certeza de que minha missão é compartilhar amor sempre foi tanta, que sigo a direção indicada pela vida para realizar esse objetivo. Assim, me tornei terapeuta holística e *life coach*. Surgiu a Malhação Cerebral, o Programa Mente Calma, que trabalha a cura do estresse e seus principais sintomas: ansiedade e insônia. A vida parecia estar me concedendo o certificado para exercer o que eu já fazia naturalmente, para exercer o meu propósito. Eu podia buscar, executar, aprender, compartilhar, ser a cientista da minha vida e dizer a todo mundo: “Somos divinos, somos luz, vamos olhar para dentro!”





**(...) espiritualidade e ciência são a base para entendermos quem realmente somos. Elas caminham lado a lado, nos conduzindo à consciência, para mim a verdadeira razão da vida.**



Cheguei a dar aulas *on-line*, gravar vídeos em canal do Youtube e criar uma espécie de marca, a Espiritualidade ConSciência, para levar às pessoas a ideia de que espiritualidade e ciência são a base para entendermos quem realmente somos. Elas caminham lado a lado, nos conduzindo à consciência, para mim a verdadeira razão da vida.

Em 2020, em pleno confinamento, surgiu a vontade de transformar essa nova fase em livro. Então nasceu “Autoconhecimento – A Chave da Saúde”, um passo a passo bem didático para demonstrar o quão interligados são ciência e misticismo, macro e microcosmo, e quão incríveis somos na qualidade de humanamente divinos ou divinamente humanos, como queiram. Alguém disse: “Somos muito mais do que somos”; e isso é um excelente *start* para a busca, a interminável e maravilhosa busca por nós mesmos.

### **A formação jurídica teve um papel importante nessa jornada?**

A formação jurídica, a princípio, não passava de uma garantia financeira, a certeza de que eu poderia mergulhar em novas possibilidades e ter o certo para a vida normal: cuidar do lar, criar meu filho com conforto. E vinte anos se passaram. Fiz muita coisa, e a especialista em Direito do Consumidor sempre me bancou (risos). Mas cogitei, muitas vezes, abandonar a carreira, não pelo trabalho em si, que curto, mas pelo formato, pelos momentos de engessamento, por ver tudo o que precisava mudar e não conseguir

fazer nada. Me incomodava a sensação de perda de tempo, a indignação com os ditames políticos... e, principalmente, o “aprisionamento”. Ter que cumprir uma jornada despropositada, ter que permanecer no trabalho até “dar o horário de bater o ponto”...: isso não faz e nunca fará sentido em minha cabeça. A liberdade aguça a criatividade, respeita o ritmo de cada um, o que termina por aumentar a

produtividade, enriquecer a imunidade e reduzir, inclusive, as despesas com a saúde do servidor... Aí você me pergunta: Com liberdade o servidor trabalhará? Liberdade vem colada com responsabilidade. E, para cobrar, existe o gestor. É uma questão de organização mesmo.

Entretanto, a minha visão se ampliou na pandemia. Eu me tornei muito mais grata a esse cargo que conquistei por mérito, por estudo e empenho, numa época em que ainda havia concurso público (risos). Minha gratidão não é só pela estabilidade e segurança. Esse trabalho me ensinou a enfrentar situações que

eu não gosto. Às vezes eu tinha de passar o dia inteiro com pessoas desequilibradas, egoístas, chatas, mentirosas, ardilosas... e precisava voltar no dia seguinte. Se assim não fosse, eu teria escolhido o meu refúgio sempre. Eu tinha muita dificuldade de lidar com o mundo. O invisível sempre me atraiu, mas o mundão real me dava medo, insegurança, impaciência, vontade de fugir e uma sensação de não pertencimento... Ao ser obrigada a viver de acordo com o que a escola da vida colocava à minha frente, tive



de buscar soluções. E isso impulsionou minha jornada. Comecei a entender que eu era a razão do bem e do mal, que eu possuo um lugar só meu em mim mesma e que a minha paz reside em mim. A princípio eu ficava preocupada em me defender, proteger minha energia. Falei muito, mas depois aprendi a silenciar. Até me dar conta do quão lindas são as pessoas. De verdade. Como eu, elas erram, fazem burradas, mas sempre tentando acertar. Comecei a apreciar, a observar, a me trabalhar para não julgar, para aceitar e não ficar esperando muito em troca. Hoje, quando estou em casa (e quem me conhece sabe que eu amo ficar em casa!), chego a sentir saudade dos colegas e amigos que fiz no ambiente de trabalho. Eu me dei conta de que respeito mais o outro, talvez porque me respeite mais. De certa forma, posso dizer que minha vida jurídica me tornou mais humana (risos). Gosto muito mais de mim agora. Sou mais feliz.

**De que forma surgiu esse intenso desejo de desbravar seu íntimo e se dedicar a seu crescimento pessoal?**

Esse desejo de autoconhecimento reside em mim desde que me entendo por gente. Ainda no primário, enquanto escrevia algarismos romanos no quadro negro junto à minha mãe estendendo roupas no varal, perguntei a ela: “O que vim fazer aqui neste planeta?” Conversava com “Deus” em minhas orações e pedia para ser uma pessoa melhor, porque eu não entendia o sentido da vida, o porquê de precisar ir à escola, estudar, comer, dormir e repetir tudo de novo no dia seguinte. Por que não podia fazer uma coisa diferente? E por que eu era burra enquanto todos os meus cinco irmãos eram inteligentes? Por que eu tinha uma vida tão boa e não era feliz? Por que não era bonita? Eu pedia desculpas a Deus. Na época, passeava entre o catolicismo (da escola) e o protestantismo (da igreja batista de mi-



Comecei a entender que eu era a razão do bem e do mal, que eu possuo um lugar só meu em mim mesma e que a minha paz reside em mim.

nha avó); e meus pais falavam em espiritismo, então eu lia a respeito...

Tentar entender as coisas, tentar me entender, tentar superar essas questões... Só isso fazia sentido para mim. Então essa busca sempre foi a razão da minha vida, mesmo quando eu ainda não tinha a menor noção disso. Daí os poeminhas... Eram o meu desabafo secreto. Mas a consciência só veio mais tarde, quando desfiz o primeiro casamento. A sensação de buraco profundo me trouxe as primeiras sensações de conexão... e minha primeira experiência “mágica”, a certeza de pertencer a tudo o que existe. Eu tinha vinte e oito anos. A partir daí foi uma intensa jornada de busca: centro espírita, cartomante, umbanda, candomblé, mestres. E em tudo eu via a mesma coisa, só mudava a roupagem. Em todas as crenças sempre estavam presentes as figuras de um comandante e de comandados, e deturpações de toda ordem para preservar o medo, a culpa, o vitimismo, a dependência... Sete anos foram suficientes para o ciclo se fechar e predominar a certeza de que todos somos divinos e cocriadores; e lindos, e incríveis, e de que viemos para aprender a amar, a deixar brilhar a luz que somos e acender tudo ao redor...

#### **Fale um pouco sobre essa integração entre arte, religião e ciência presente em sua literatura.**

As religiões foram o passaporte inicial para as pesquisas começarem, uma pesquisa em que eu mesma era o tubo de ensaio e a cobaia. Por exemplo: se diziam que havia a possibilidade de comunicação com os espíritos, eu mergulhava de cabeça e realmente me comunicava; se diziam que o trabalho tal traria energia positiva, eu fazia o tal trabalho (geralmente de forma “errada”, pois não me deixavam anotar e eu esquecia como era o procedimento; mas sempre dava certo!) (risos); e por aí vai... Eu ia entendendo que era o fato de acreditar, de ter a intenção positiva, de estar ali inteira, presente – em suma, a minha energia – que fazia a coisa acontecer. E aí o líder me convencia a compartilhar a experiência com o grupo, só para demonstrar o poder de seus ensinamen-

tos. Eu obedecia, mas costumava me decepcionar. Onde estava o amor? Por que tanta manipulação e controle? Aos poucos fui entendendo que, na verdade, tudo sou eu, tudo é você, somos nós, que o poder está em cada um e não precisamos de mestres, que temos tudo ao nosso dispor, que cada um é responsável por si, que somos uma coisa só!

A arte... Viver, para mim, é arte. E o colorido da arte sempre foi como um alimento, e a criatividade, a essência, o combustível. A poesia, e a escrita de modo geral, me faz sentir fluidez e visualizar imagens vivas. O palco me dá a oportunidade de ser o centro; nele, posso me exhibir, vivenciar outras vidas e receber aplausos (risos). A pintura a óleo me permite brincar de inventar figuras numa tela em branco, mesmo parecendo a princípio que não sei o que estou fazendo (risos). Dançar e cantar fazem meu coração vibrar... Preciso da arte. Quando pareço não estar fazendo nada, estou poetizando, cantando no chuveiro e dançando sozinha ao som de Gipsy Kings... Ah! Ainda tem a arte do cinema! Amo assistir a filmes e seriados e aprender com eles, perceber as nuances e observar o psicológico dos personagens, a motivação de cada um... Amo! Ultimamente tenho até feito “Resenhas da Consciência” no Insta (risos).

Quanto à ciência, é a forma de entender tudo sob uma ótica racional. Ela me permite colocar em prática coisas que enfrentavam barreiras em minha mente, além de me ajudar na argumentação com os céticos nas aulas *on-line*. Desde que assisti ao documentário “Quem Somos Nós”, fiquei encantada com a física quântica e a ligação estreita entre nosso universo 3D e os multiversos místicos. O filme apresenta uma explicação incrível para o que a experiência já havia me dito ser real, mostrando que não era invenção minha, que não sou louca – pelo menos não no sentido de doente mental (risos)... Em meu novo livro, “Autoconhecimento – A Chave da Saúde”, eu trago essa construção que fiz de forma empírica – por meio do lado sensitivo, do mundo quântico – e a respectiva explicação científica, abordando o sistema bioquímico do corpo humano.



A ideia é colocá-lo ao alcance de todos, para que todo mundo possa se abrir à auto-observação e ao autoconhecimento, para que consciência não seja para poucos.

**Conte como foi o evento de lançamento do livro “Autoconhecimento”.**

Imagine uma egrégora de amor e some com a luz das fadas e as bênçãos de Iemanjá. Eu? Feliz. A energia do lugar exalava amor. Natureza, iluminação, pessoas que estavam ali por mim. Todos. Só havia família e amigos. Amor. A cada autógrafo uma emoção. A cada abraço o sentimento de que éramos uma coisa só, de que fazemos parte de algo infinitamente maior. Realizada. Essa palavra é a que mais se aproxima do meu sentimento. Era 02/02/2022. Dia de Iemanjá, dia de confiança, fé, harmonia, equilíbrio, parceria, propósito e missão de vida. O evento foi realizado no jardim do lar de meus pais; portanto, contou com a energia dos elementais e do amor incondicional. Abertura de

um portal, um portal de perdão, queima cármica, reconciliação. Mais amor. O livro? Era parte daquilo tudo. É resultado disso tudo. Vibrava em cada um. E o melhor é que é só o começo. O lançamento de “Autoconhecimento – A Chave da Saúde”, como o nome diz, é a largada, o *start*. Está entregue ao universo, e que possa despertar autodescoberta, saúde, espiritualidade, amor, consciência.

**Como você vê o cenário cultural brasileiro da atualidade?**

Apesar desse desgoverno doentio, a arte continua brotando e florindo, todo o tempo. Quem vive com alma sempre dá um jeito de florescer na lama (a flor de lótus é a prova viva disso). A tecnologia tem contribuído bastante para que a arte esteja mais acessível às pessoas. Tenho visto o crescimento do *stand-up* e do teatro na internet – com esquetes de humor, improvisos – e do acesso à leitura *on-line*... E há sempre uma alma nobre visando colaborar para manter viva em nós a arte, que funciona como um

canal aberto para unir quem transborda a quem tem sede.

**Gostaria de mencionar alguns livros e autores que admira?**

Olha, os livros sempre foram presentes em minha vida e preciosos para meu aprendizado. Eu gostaria de citar todos os títulos que li, mas são muitos. Então, guardo apenas o ensinamento que eles me proporcionaram. De qualquer maneira, posso mencionar alguns, como “O Pequeno Príncipe” (Saint-Exupéry), “O Diário de um Mago” (Paulo Coelho) e “Vivendo, Amando e Aprendendo” (Leo Buscaglia), pois são marcos em minha busca, ainda inconsciente quando fiz as leituras. Também cito “A Profecia

Celestina” (James Redfield) e todos do Osho (risos)! E algumas figuras são tão marcantes em minha jornada, que deles não citarei livros; vou apenas dizer: diante de qualquer coisa vinda dessa galera, abram o coração, experimentem, degustem, sintam, experimentem, pois esses autores são verdadeiros mestres do amor, do crescimento, da consciência, cada um a seu modo: os queridos Luiz Antonio Gasparotto, Leslie Temple-Thurston, o já citado Osho e minha “galera do espaço”... Amo e sou grata para sempre a todos! ■



# SIMPLESMENTE PÉROLA



CONCEIÇÃO SANTANA



NA VIDA NATURAL, toda pérola nasce de uma agressão. Diante da invasão de um corpo estranho, geralmente um diminuto grão de areia, que lhe provoca inflamação e sofrimento, a ostra reage envolvendo o agressor em sucessivas camadas de madrepérola. E assim, através de incessantes labores, a pequena ostra torna-se artífice de um singelo milagre da natureza. Surge uma gema esférica, de atrativo brilho, onde antes só havia um grosseiro e minúsculo grânulo. Do mesmo modo, existem pessoas que aprendem a fazer de suas vidas autênticas pérolas, transmutando as dores em beleza, as angústias em aprendizado, as lágrimas em poesia. Com sensibilidade e leveza, Conceição Santana nos brinda com a história de uma dessas mulheres preciosas, que soube fazer de si mesma “Simplesmente Pérola”.



Lançamento  
em breve

Conto

# O AVESSO DA VIDA

Nascida em Guará – SP, graduou-se em Letras pela Universidade do Grande ABC (UniABC) e fez pós-graduação em Tradução (Inglês/Português) pela mesma instituição. Professora, revisora, poetisa e contista, ficou em terceiro lugar na quarta e na sexta edição do Concurso UniABC de Poesia com os poemas “Tributo à Rosa” e “Identidade”. É autora de “A Semântica do Caos e Outros Poemas”, “Palavras Piratas: Poemas de Amor e Ódio” e “O Mistério de D. Amélia e Outros Contos”, publicados pela editora Todas as Musas. Participou de antologias, incluindo “Queimem as Bruxas – Contos sobre Intolerância”, livro que traz o conto a seguir.



LAURA FIGUEIREDO

**PASSEI BOA PARTE DA VIDA** na cidade onde nasci, um lugar pequeno no qual todos se conheciam e onde vivíamos como uma grande família. Todos se abraçavam. É claro que havia gente rica e gente pobre. Porém, essa diferença não aparecia no comportamento dos habitantes.

Lá havia muitos conservadores, obedientes às determinações da igreja. Até o prefeito era dominado pelo padre Gavião, homem alto, moreno, de olhos profundos, costas curvadas, nariz que saltava do rosto. Não transmitia nenhuma bondade. Pelo contrário, metia medo. Ninguém ousava contrariá-lo.

A maior diversão da população era a conversa de fim de tarde na porta das casas. Cada pessoa levava um prato. Falava-se de tudo, especialmente dos “causos”. Alguns de arrepiar! Mas eu, muito curiosa, sempre queria saber dos detalhes *sórdidos*. Meu medo era apenas momentâneo. Até a noite, já o tinha esquecido.

Eu só não sabia que realmente viveria uma história de arrepiar na cidade. Tudo começou com a chegada de uma família vinda de longe – mãe, pai e filho, um menino falante e prestativo chamado Joaquim que acabou se tornando meu melhor amigo.

Como estávamos sempre juntos, comecei a notar algo de errado nele. Conforme crescia, o lado esquerdo do seu rosto ia ficando desproporcional em relação ao direito. Com o tempo, formou-se uma bola, que fez o olho esquerdo parar na orelha. Os pais tentavam de tudo para descobrir o motivo. Eles levavam o filho aos maiores especialistas, mas ninguém conseguia apontar o que vinha causando a deformação.

O medo se instalou na casa de Joaquim, que não saía mais. Seus pais temiam ver o filho hostilizado. Alguns amiguinhos ainda iam brincar com ele, inclusive eu, o que o ajudou a suportar essa adversidade. No entanto, uma notícia começou a circular pela cidade: aquele mal seria contagioso! Não se sabia de onde surgiria tal informação, mas as crianças foram proibidas por seus pais de se aproximarem de Joaquim. Até minha mãe disse:

– Ana, minha filha! Não quero que vá mais à casa dele!

– Mas, mamãe, meu amigo está muito triste. Não pode ficar sozinho. Temos que ajudá-lo. Essa doença não é transmissível, senão os pais dele já teriam pegado.

– Verdade, filha! E temos que ser misericordiosos. Tudo bem, pode continuar a ver o Joaquim. Tenho muito orgulho de você, querida!

Assim, segui fazendo companhia ao meu amigo. Mas, a partir daí, as outras crianças se afastaram de mim. Não conversavam mais comigo e, na sala de aula, sentavam-se longe.

Havia uma menina pretensiosa na escola que se portava como líder. Era filha do prefeito. Sua mãe se considerava a mulher mais importante da região. Descobri, sem querer, que o comentário contra Joaquim partira dela, no cabeleireiro da cidade vizinha. A notícia se alastrara como pólvora.

– Meninas! – disse Martinha, em tom de deboche e nojo. – Daqui a pouco a bochecha da Ana vai começar a inchar. Ela e o Joaquim vão ser chamados de casal monstro!

Todas riram. Eu não quis causar confusão e fiquei quieta. Naquela época, não se conhecia o *bullying*, porém já existia. Aliás, sempre existiu. Só não tinha esse nome.

Continuei a apoiar o meu amigo. A luta de seus pais para encontrar a cura vinha sendo incansável, porém sem resultados. Alguns remédios apenas retardavam o avanço da doença.

Seus pais, então, levaram-no à Igreja, local que somente sua mãe frequentava, para que recebesse a comunhão e a bênção do padre Gavião. Buscavam na oração e na fé um conforto que lhes acalmasse o coração. No entanto, ao ver Joaquim entrando, o pároco arregalou os olhos:

– Vade-retro! Isso é coisa de Satanás! Precisamos nos livrar dessa peste antes que toda a cidade seja contaminada!

A intolerância do padre causou pânico na igreja. Todos queriam sair de lá e começou uma correria. No reboleço, ninguém percebeu o pai de Joaquim passando mal. Ele teve um infarto fulminante. Só meu pai tentou acudi-lo, mas em vão.

Não teve velório. No cemitério, o coveiro nos aguardava. Naquele dia, o sol, que sempre brilhava, não apareceu. O céu estava cinzento. O caixão foi acompanhado por cinco pessoas, dentre elas, minha mãe, meu pai e eu. O silêncio era mortal, de vez em quando rompido pelo soluço da viúva. Joaquim não soltava nem um gemido, nem uma lágrima.

Andamos por uns quinze minutos, pois o local separado para o sepultamento ficava nos fundos do cemitério, longe dos outros túmulos. Era uma cova profunda. Muito profunda! Olhei para o meu amigo e vi um rosto marcado pelo sofrimento. Senti um aperto no coração. Aproximei-me dele e segurei a sua mão, gelada, como se ele também estivesse morto. Quase sussurrando, Joaquim disse:

- Tudo vai ser esclarecido, meu pai! Vou descobrir o culpado por sua morte.

Senti um arrepio. Nunca vira essa expressão no rosto de Joaquim. A doçura em seu olhar se transformara em rancor. Tinha labaredas saindo de seus olhos. Não fiquei bem com aquilo, mas entendi o sentimento de meu amigo. Além de enfrentar um sério problema de saúde, ele presenciou o pai sendo enterrado como se tivesse sido vítima de uma peste contagiosa. Depois desse dia, Joaquim e sua mãe se isolaram de vez dentro de casa. Ele estava com treze anos.

Eu sentia falta do meu amigo, que, infelizmente, recusava toda ajuda oferecida por mim. Eu ia sempre à casa dele para tentar descobrir o seu estado. Inútil. D. Dulce nem abria o portão. Apenas dizia em tom de tristeza:

- Está tudo bem, minha filha! Joaquim não pode brincar agora.

Eu ia embora desanimada. E o pior ainda estava por vir. Na manhã seguinte, toquei a campainha várias vezes. Como ninguém me atendia, fui até a porta. A casa parecia vazia. “Eles devem ter saído, ido ao médico”, pensei. “Vou voltar mais tarde.”

Passei o dia inquieta. Veio a tarde, a noite... E ninguém apareceu na casa. Preocupada, pedi à minha mãe que fosse comigo investigar. Minha inquietude tinha fundamento. Meu amigo havia partido.

Não tive outra alternativa senão seguir a vida. Porém, brincar com as amigas me doía. Eu sentia falta do Joaquim, tudo parecia estático. Martinha ainda fazia comentários maldosos a respeito dele, principalmente quando eu estava por perto. Acho que ela queria me provocar.

- Até que enfim aquele monstro sumiu. Só espero que não apareça uma monstra - dizia, rindo e olhando para mim.

Eu sempre a ignorava, mas um dia não aguentei e respondi:

- Cuidado. Esse monstro pode aparecer para você à noite e te transformar em uma aberração. Aliás, você já é uma...

Depois desse episódio, Martinha deixou-me em paz. De qualquer maneira, demorou alguns meses para eu assimilar a ausência do meu amigo.

Certa noite, tive um sonho estranho. Joaquim e sua mãe moravam em uma cabana atrás do riacho da cachoeirinha. Dizia-se que a casa era mal-assombrada. Ao acordar, isso ficou em

minha cabeça. Mais tarde, minha mãe me pediu para ir à feira buscar ovos. Ao chegar lá, percebi um alvoroço.

– Martinha desapareceu! – comentou uma pessoa.

– Vai ver fugiu com algum namoradinho. Aquela menina era bem oferecida! – alguém disse.

Comprei os ovos e voltei rápido para casa. Lembrei-me do sonho.

“Será que tem alguma coisa a ver com o sumiço da Martinha? Não, não... Ela nem apareceu nele...”

Minha mãe percebeu a minha agitação.

– O que foi, filha? Parece que viu um fantasma.

Contei sobre o sonho e o sumiço de Martinha.

– Venha! Vamos descobrir se essa história é verdadeira – falou, arrastando-me pela mão.

Fomos até a casa do prefeito, onde havia uma grande movimentação de pessoas, incluindo policiais. E isso confirmava o desaparecimento. Ficamos por ali um pouco mais, para ouvir os detalhes do fato. Ela sumira no meio da noite. Os palpites eram os mais variados, e os mais maldosos também. Uns diziam que ela poderia ter sido raptada; outros falavam que era vingança. Independentemente de qual fosse o motivo, eu não conseguia esquecer o sonho com Joaquim na noite anterior. Parecia um aviso. Movida por uma força incontrolável, eu disse à minha mãe:

– Vou até a cabana velha.

– À cabana velha? – minha mãe se espantou.

– Sim, algo me chama. Estou apavorada, mas sinto que devo ir. Você poderia me acompanhar...

– O que está acontecendo, filha?

– Não sei. É o que quero descobrir. Vem ou não comigo?

– E eu tenho opção?! Não vou deixar você ir lá sozinha.

Essa cabana está abandonada há muitos anos por conta do boato de que é mal-assombrada – disse, rindo. – Se for verdade, saberemos hoje, juntas.

Caminhamos por duas horas. Escondida entre as árvores, lá estava ela, deteriorada pela ação do tempo: paredes com tijolos marrons à mostra; telhas perfuradas; janelas de madeira apodrecidas; perto dela, uma enorme árvore de galhos ressecados e flores mortas. O cenário era de total desolação. Em nossos olhares havia um misto de indagação e medo.

Conforme caminhávamos, íamos tentando decodificar aquele lugar inóspito. Fomos interrompidas por um gemido. Em

um impulso, corremos em direção a ele. Entrei sozinha na cabana e quase desmaiei.

Sentada, encolhida em um canto do quarto com chão de terra batida, estava Martinha. As mãos e os pés se encontravam amarrados. Ela chorava muito e dizia coisas sem nexos.

- Eu não..., eu não... sabia..., juro que não sabia... Oh, Deus, perdão! Era brincadeira de criança...

Desamarrei-a e tentei acalmá-la, quando minha mãe começou a gritar do lado de fora:

- Meu Deus! É a D. Dulce, morta! O que aconteceu aqui?

Fui até lá com Martinha. O corpo exalava um cheiro horrível, indicando que falecera havia algum tempo.

- Calma, mamãe! Veja quem achei dentro da casa.

- Ele me pegou no meio da noite, me amordaçou, me colocou dentro de um saco e me trouxe para cá - contou Martinha, ainda chorando. - Eu não sabia que era o Joaquim. Parecia um monstro. Enorme. Seu rosto, todo deformado! Aqui, ele me mostrou a mãe morta. Gritava com uma voz rouca, que mais parecia um urro. Dizia que a culpa era toda minha por ter perdido o pai, por ter sido obrigado a mentir para a melhor amiga, por ter ficado sem a mãe, que, longe de tudo, acabou morrendo neste lugar... Eu não sabia que uma *brincadeira* de criança podia causar tanto estrago... Ele tem razão, a culpa é toda minha...

- Mas onde está o Joaquim? O que aconteceu com ele? - perguntei.

- Quando vocês chegaram, ele fugiu...

Naquele instante, entendi que Joaquim e sua mãe se refugiaram na cabana, pois só ali teriam alguma paz.

O caso do sumiço de Martinha foi resolvido, mas o desaparecimento de Joaquim ainda é um mistério. E não há uma noite sequer que eu não me lembre do meu amigo. Ele foi vítima da intolerância de uma sociedade incapaz de lidar com o diferente. Será que ele conseguiu sobreviver?





[www.mundoescrito.com.br](http://www.mundoescrito.com.br)

O texto, além de estar correto tecnicamente, deve levar a mensagem exata que o autor deseja compartilhar. Na revisão de livros, antecipamo-nos aos problemas textuais que seus leitores poderiam encontrar. Temos uma excelente equipe, pois, há dez anos, revisamos livros todos os dias.



### REVISÃO DE LIVROS

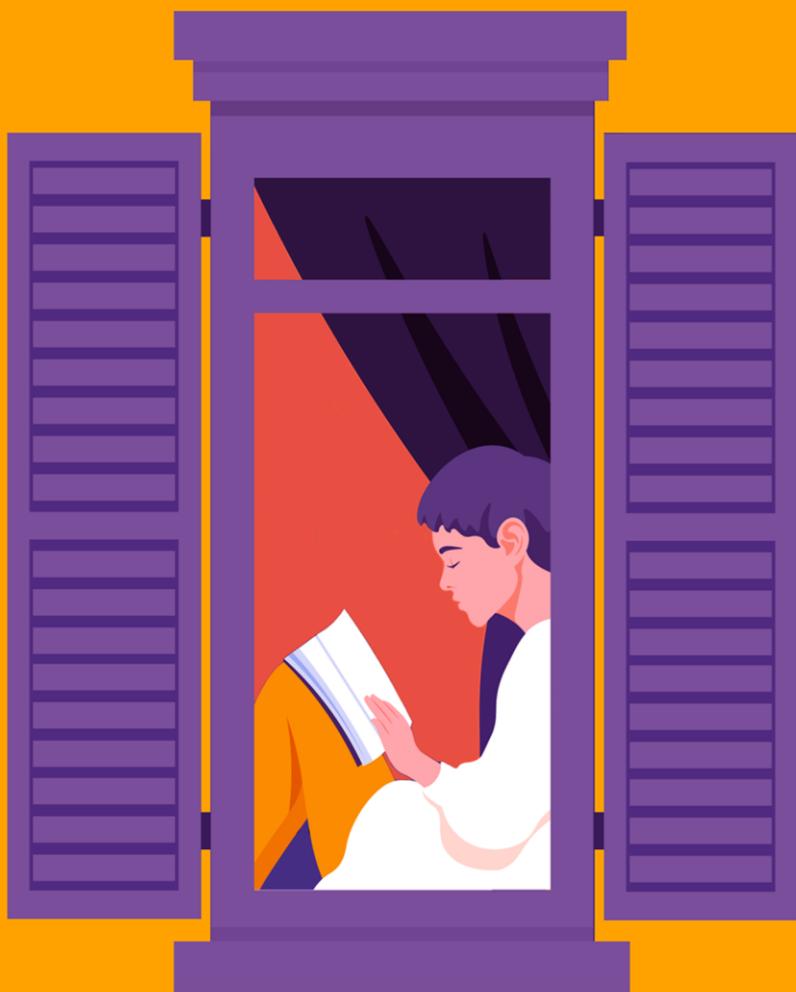
O texto, além de estar correto tecnicamente, deve levar a mensagem exata que o autor deseja compartilhar. Na revisão de livros, antecipamo-nos aos problemas textuais que seus leitores poderiam encontrar. Temos uma excelente equipe, pois, há dez anos, revisamos livros todos os dias.



### TRANSCRIÇÃO DE ÁUDIO

Transcrição de áudio feita 100% manualmente, sem utilização de softwares, pois somos profissionais. Para evitar retrabalhos e dor de cabeça, contrate a transcrição feita por uma equipe completa.

# poesia



Na edição passada, a antologia "Cura Poética 2" (a ser lançada em breve) ganhou uma matéria especial, na qual falamos da votação interna que escolheu a melhor poesia do livro.

O autor dos versos recebeu uma premiação em dinheiro no valor de R\$ 500,00. Neste número da revista, ainda em comemoração ao lançamento que se aproxima, trazemos a segunda poesia mais votada

# cura poética 2

## **A bela e a fera**

Fernando de Oliveira

**Amiga, não repare no silêncio  
Que às vezes põe um mar entre nós dois.  
Evite imaginar o que é que eu penso,  
E deixe aquele beijo pra depois.**

**Vai ver que eu me deprimio pouco a pouco  
Num mundo tão carente de mudança.  
Quem sabe virei santo, fiquei louco  
Ou sonho novamente ser criança?**

**Cuidado! Gente é bicho perigoso,  
E é bom, por precaução, não confiar.  
Quem sabe me calei de furioso  
E busco alguma coisa pra quebrar?**

**De fato a barra está muito pesada,  
O mar não tá pra peixe bobalhão.  
Quem sabe me cansei de ser piaba,  
E agora estou virando tubarão?**

**Por ora, minha bela, tudo bem,  
O bicho está dormindo na corrente.  
Se acorda e quebra tudo, que ninguém  
Se esqueça de que a fera já foi gente.**



Veterinário e especialista em Saúde Coletiva pela UFBA. Fez parceria com a musicista Rosa Passos. Seu nome é verbete em dicionários, e letras suas estão na biblioteca do congresso dos EUA. Tem músicas interpretadas por Nana e Danilo Caymmi, Ivan Lins, Maria Creusa... Publicou "O Livro das Estações".

# Nas ondas do rádio

Todo sábado  
um novo tema

**ATMOSFERA LITERÁRIA** com Fabio Shiva



Atmosfera Literária com Fabio Shiva" é um quadro do programa ATMOSFERA 102, apresentado todo sábado por Fernando Bamboo na Rádio 102.7 FM, de 12h às 14h

[Confira online](#)

Apoio: Verlidelas Editora

